



**A Pesquisa Acadêmica: Por uma escrita [que] co[m]vida e liberta para a formação humana**

*Investigación académica: Por una escritura [que] co[n]vida y libera para la formación humana*

Valdineia Rodrigues Lima  
Ana Clédina Rodrigues Gomes  
**Universidade Federal do Pará (UFPA)**  
Belém/PA - Brasil

**Resumo**

Esta pesquisa tem por objetivo refletir sobre a escrita acadêmica, não como uma simples tarefa de escrever, reproduzir, mas como um desafio do pesquisador para além das bordas padronizadas, naturalizadas na e pela academia. A escrita é um desafio na pesquisa acadêmica; por vezes, torna-se um ato tão banal, bem mais reprodutor do que inovador e pode provocar o apagamento das subjetividades; busca-se, assim, romper com essa perspectiva. Em uma conversação, por meio da pesquisa indisciplinada, apresenta-se propostas decoloniais e o relato de uma pesquisa de doutorado em andamento, em um movimento de *insu*(Agir) escritas “Outras”, por uma virada epistemológica na escrita acadêmica, inclusive na Educação Matemática. O texto tece fios de vozes que ecoam *na pele da escrita acadêmica* para tornar visível o que, por vezes, torna-se invisível pela academia.

**Palavras-chave:** Escrita Acadêmica; Decolonialidade; Educação Matemática.

**Resumen**

Esta investigación pretende reflexionar sobre la escritura académica, no como una simple tarea de escribir, reproducir, sino como un desafío para el investigador más allá de las fronteras estandarizadas, naturalizadas en la academia. Escribir es un desafío en la investigación académica, a veces se convierte en un acto banal, mucho más reproductivo que innovador y puede llevar al borrado de subjetividades, se busca, de esa manera, romper con esa perspectiva. En una conversación, a través de una investigación indisciplinada, presentamos propuestas decoloniais y el informe de una investigación doctoral en curso, en un movimiento de *insu*(Agir) “Otros” escritos, por uno giro epistemológico en la escritura académica, incluyendo en Educación Matemática. El texto teje hilos de voces que resuenan *en la piel de la escritura académica*, para hacer visible lo que, a veces, se vuelve invisible en la academia.

**Palabras clave:** Escritura Académica; Decolonialidad; Educación Matemática.

## **No limitar da escrita na pesquisa acadêmica**

Parece-me que não há nada mais urgente do que começarmos a criar uma nova linguagem. Um vocábulo no qual possamos todas/xs/os encontrar, na condição humana

(Kilomba, 2019, p.21).

Elaborar uma pesquisa acadêmica demanda trilhar caminhos por vezes conturbados, que levam a indagações, questionamentos e incertezas. Nesse percurso, nosso primeiro desafio, enquanto pesquisadoras/xs/es, é o problema de pesquisa, chamado por Haber (2011) de nosso sintoma. Nossas interrogações não podem decorrer de escolhas fortuitas com a mera pretensão de buscar por respostas, elas precisam dar sentido a nossa investigação, mobilizar e remexer nosso campo de saberes, ao ponto de abalar nossas próprias (in)certezas e abrir caminhos a novas descobertas.

Não teríamos uma pesquisa se não tivéssemos um problema sintomático a investigar. O problema é que esse sintoma demanda das/xs/es pesquisadoras/xs/es a prescrição de um caminho a percorrer, seguindo os vestígios e os rastros que possam levar à solução desse problema. Então, nessa encruzilhada, deparamo-nos com outro desafio: a prescrição do problema sintomático carece de uma escrita, mas não qualquer escrita, a escrita acadêmica. Isso nos levou a indagações: o que caracteriza a escrita acadêmica? Precisamos escrever seguindo os mesmos padrões acadêmicos? De onde vêm esses padrões? Para quem a academia fala? Quem lê nossas pesquisas lê da mesma forma? Então, precisamos escrever da mesma forma? Estamos escrevendo algo novo ou nos tornando meros reprodutores? A academia está aberta a novas formas de escritas? A partir dessas indagações, brotou a problemática desta pesquisa: como podemos pensar uma escrita acadêmica voltada para a formação humana, inclusive na Educação Matemática?

Afinal, o ato de escrever nossas dissertações e teses se tornou algo tão banal, impregnado nos manuais acadêmicos, que deixamos de ver essa ação, segundo Rodrigues e Schuler (2021), como um problema nosso. Nessa perspectiva, acabamos, por vezes, considerando o ato de escrever como uma simples tarefa, muitas vezes reprodutiva, tapando-nos os olhos para operar a escrita de outros modos, capazes de levar a lugares e sentidos outros e romper com uma escrita tecnicista. Outro ponto que se mostra é a busca por respostas salvacionistas, que podem provocar o apagamento das subjetividades. Uma das formas de apagamento das subjetividades está em limitar a escrita. Aqui não estamos a

condenar o modo tradicional de fazer pesquisa, mas a refletir sobre as possibilidades de modos outros de escrever um texto acadêmico.

Tendo em vista que, de modo geral, o que se observa nas pesquisas no meio acadêmico é a produção de uma escrita bem mais reprodutora do que inovadora, privilegiando a reprodução de discursos, em vez de estabelecer e criar um verdadeiro diálogo de vozes (Fernandes de Paula, 2017). Essa realidade revela a dificuldade das/xs/es pesquisadoras/xs/es em lidar com as produções e discursos existentes em sua temática e conseguir construir, nesse processo entre leituras e escrita, uma posição de autoria no meio acadêmico. Essa dificuldade é evidenciada ainda mais, segundo Júnior (2022), quando as vozes vêm de grupos subalternizados e marginalizados, que tentam retratar sua linguagem em posicionamentos quase sempre à margem do discurso hegemônico.

Daí compartilhamos a preocupação, como apontam Rodrigues e Schuler (2021), com os dispositivos de controle da linguagem na pesquisa acadêmica para ser possível pensar modos outros de pesquisa. Afinal, nesses modos outros de escrever, algumas pesquisas são marginalizadas e derrotadas ao longo do processo de escrita. Larrosa (2016) alerta que esses dispositivos controladores perpassam também pelo controle da linguagem e pela forma como nos relacionamos com ela, isso envolve nossa forma de ler, escrever, falar e escutar.

Entendemos que esses dispositivos controladores limitam as/xs/es pesquisadoras/xs/es e podem provocar um padecimento da escrita. Não seria esse um modo de escravidão contemporâneo? Esse questionamento não significa dizer que escrever nessa perspectiva “padronizada” seja menos importante, mas problematizar quando essa escrita não contempla nossa temática de pesquisa. Talvez porque o que necessitamos, não seja uma língua que nos permita objetivar o mundo, não estamos atrás da língua que nos dê a verdade das coisas, mas de uma língua “que nos permita viver no mundo, fazer a experiência do mundo, e elaborar com outros o sentido (ou a ausência de sentido) do que nos acontece” (Larrosa, 2017, p. 65). Isso demanda uma nova linguagem (Kilomba, 2019), que abra caminhos na escrita acadêmica para vozes, experiências, conhecimentos e lugares outros, um vocábulo na academia no qual possamos nos encontrar na condição humana.

Nessa perspectiva, propomo-nos, por meio da pesquisa indisciplinada e do método da conversação, proposto por Haber (2011), a refletir sobre a escrita acadêmica, não como uma simples tarefa de escrever, reproduzir, mas como um desafio das/xs/es pesquisadoras/xs/es

para além das bordas padronizadas, naturalizadas na academia. Esta é uma forma de resistência atravessada pela preocupação com a formação humana, por meio de uma escrita [que] co[m]vida e liberta na contemporaneidade.

**Por uma virada epistemológica na escrita acadêmica: em um movimento de *insu*(Agir) escritas “Outras”**

Falar das lutas por uma virada epistemológica na escrita acadêmica está intrinsecamente calcado nos redimensionamentos das narrativas identitárias. Tensões coloniais, fruto de feridas não cicatrizadas do colonialismo, que sobrevivem na colonialidade, ainda são enfrentadas no âmbito acadêmico por pesquisadoras/xs/es subalternos, marginalizados e excluídos, em suas linguagens e escritas, quase sempre à margem do discurso hegemônico.

Pensar o campo acadêmico, enquanto espaço de luta e resistência, demanda também volver o poder da linguagem e da escrita como desafios contemporâneos. Que vozes ecoam na academia? Quais vozes são ouvidas? Quais são marginalizadas ou derrotadas ao longo do processo da escrita? Uma vez que esse é um espaço, historicamente, moldado para atender uma parcela, digamos, mais privilegiada da sociedade brasileira, repleto de cadeiras cativas constituídas, originalmente, nos redutos da branquitude. De onde vêm esses dispositivos de controle que permeiam a academia? O problemático dessa reflexão está na condição de colonizado, não é à toa que Borsani (2021, p. 100) entende a urgência em fazer esse debate, ainda mais quando nossas pesquisas não se enquadram nesses dispositivos de controle, os quais são:

[...] fruto de uma imposição colonial em conformidade com os padrões de conhecimento euro-centrados. Essa imposição responde a uma padronização do conhecimento com a pretensão de universalidade e neutralidade, segundo um universo reduzido de problemas que é o que as ciências sociais e humanas modeladas a partir dos padrões ocidentais, conhecem como tais (Borsani, 2021, p. 100).

A partir do momento que pesquisas são marginalizadas e derrotadas, esses dispositivos de controle não seriam uma forma de dimensão colonial da linguagem e da escrita no meio acadêmico? Referimos dimensão colonial aqueles dispositivos de controle sustentados na pretensão de objetividade, em um abstencionismo valorativo do pesquisador, na busca pela indispensável neutralidade, que se sustenta em uma geopolítica do conhecimento moderno, sobre o qual foi construído esse espaço, a academia ocidental e

colonial, responsável pela ocultação deliberada, segundo Borsani (2021), da corpo-biografia do pesquisador.

Nessa perspectiva, torna-se interessante explorar propostas que busquem ações decolonizadoras, ou mesmo trabalhos que busquem romper, causar fissuras nesses padrões euro-centrados da academia. Falar de epistemologias ou mesmo de uma possível virada epistemológica na escrita acadêmica, não é uma tarefa fácil para nós pesquisadoras/xs/es que nos propormos a percorrer esse caminho, envolve falar em formas de pensar e entender o mundo, e refletir sobre o poder da linguagem e da escrita nesse processo, no qual evocamos nosso lugar de fala, nossas experiências vividas e requeremos o poder de nossas palavras. Não pretendemos, com isso, calar outras vozes, mas reivindicamos ser ouvidas/xs/os, mesmo quando não somos.

Em busca de outros saberes, lugares, espaços e posições, outras filosofias que possam desafiar “não apenas as definições e os limites da vertente analítico-continental da filosofia, mas também a ordenação geopolítica do conhecimento e questões sobre quem o produz, como, onde e por quê” (Walsh, 2021, p. 56). Isso envolve direcionar um olhar para o lugar de subalternidade no campo acadêmico e sobre o poder de pensar alternativas teóricas para nossas pesquisas. Nessa perspectiva, Resende (2019a) nos explica que o esforço decolonial desse campo deve se dirigir a três caminhos convergentes:

Figura 1: Caminhos para olhar o lugar de subalternidade na perspectiva decolonial



Fonte: Elaborado pelas autoras com base em Resende (2019a).

Para Resende (2019a), decolonizar o saber relaciona-se a criticar teorias e métodos e compreender, nesse processo, que não há conhecimento universal e absoluto, como propõe o giro decolonial. Em nossa pesquisa de doutorado, em andamento, propomo-nos não a criticar, mas sim a problematizar essas teorias e métodos, e concordamos com a autora que

isso inclui o conhecimento acadêmico sobre linguagem. Se o conhecimento não é absoluto e universal, como a linguagem pode ser? Como a escrita pode seguir os mesmos padrões?

Outro caminho nesse percurso envolve decolonizar o poder da ação criativa, em busca de superar esse conhecimento universalizante. Para Resende (2019a, p. 20), isso demanda “assumir a potência teórica e metodológica local, especialmente por meio do constante questionar da separação disciplinar e suas imposições”. Essa preocupação é evidenciada por Bernardino-Costa (2018) quando busca um diálogo horizontal entre a decolonialidade, o Atlântico Negro e os intelectuais negros brasileiros.

Afinal, se a desqualificação epistemológica, no âmbito da matriz do poder moderno/colonial, constituiu-se, conforme Maldonado-Torres (2007), em um mecanismo de negação ontológica, o inverso também é verdadeiro, como argumenta Bernardino-Costa (2018, p. 126), “ou seja, a afirmação ontológica, por meio da geopolítica e corpo-política do conhecimento, torna-se um elemento central para a afirmação epistemológica”. Diante dessa necessidade de se construir um universalismo concreto, isto é, uma pluriversalidade, é que Bernardino-Costa (2018) considera de fundamental importância trazer as contribuições, nesse diálogo horizontal de intelectuais negros brasileiros para o cerne das teorizações decoloniais e para o centro da tradição de estudos do Atlântico Negro.

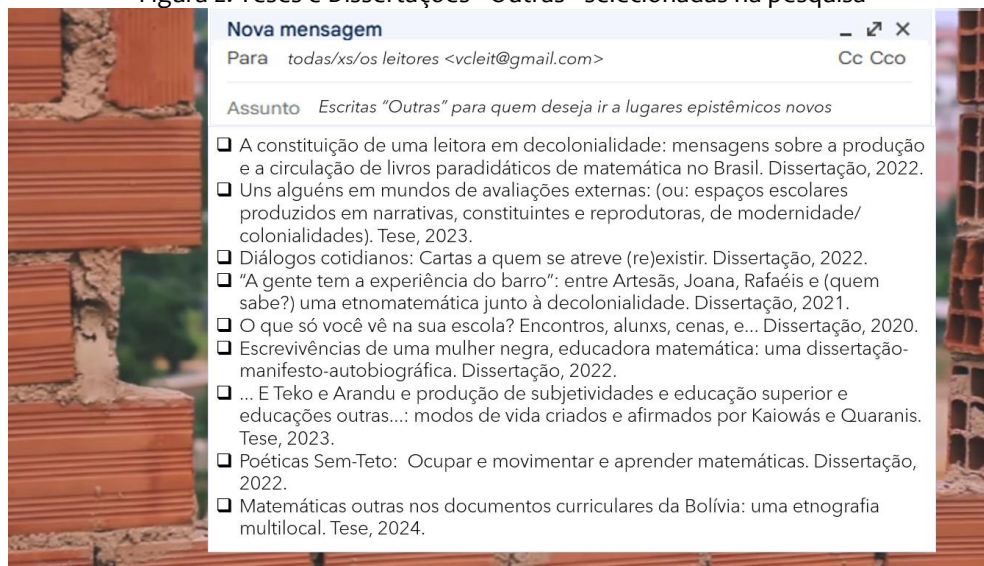
Por fim, decolonizar o ser é, para Resende (2019a), fazer uso estratégico desse espaço paradoxal, carregado de potencialidades da comunhão de saberes, inclusive o conhecimento comum. Esses caminhos convergentes impactam a educação, a academia e a educação pós-graduada, como aponta a autora, em um círculo virtuoso, em caminhos convergentes entre consciência (ser), crítica (saber) e criatividade (poder).

Percorrer esses caminhos demanda um movimento, que chamamos na tese de doutorado de *insu(Agir)*. O movimento de *insu(Agir)* significa não apenas expressar pela linguagem escrita um desacordo, descontentamento, ou mesmo ir contra determinadas relações de poder, mas como nos posicionamos, a forma como agimos diante desses atravessamentos provocados nesse processo de desconstrução, que nos impacta para além de uma escrita academicizada, levando-nos a uma escrita científica, criadora e criativa, que demanda olhares outros e mudança de atitude que ultrapassam a escrita.

Em busca dessas escritas “Outras”, realizamos no mês de junho de 2025, no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), um levantamento, sem recorte temporal, com os descritores “DECOLONIALIDADE” AND

“MATEMÁTICA”, com opção pela letra maiúscula e pelo descritor “MATEMÁTICA”, e não “EDUCAÇÃO MATEMÁTICA”, por conter mais produções. A busca retornou 149 produções publicadas entre os anos de 2018 a 2025, evidenciando que as pesquisas na perspectiva decolonial são recentes na matemática e consequentemente na Educação Matemática.

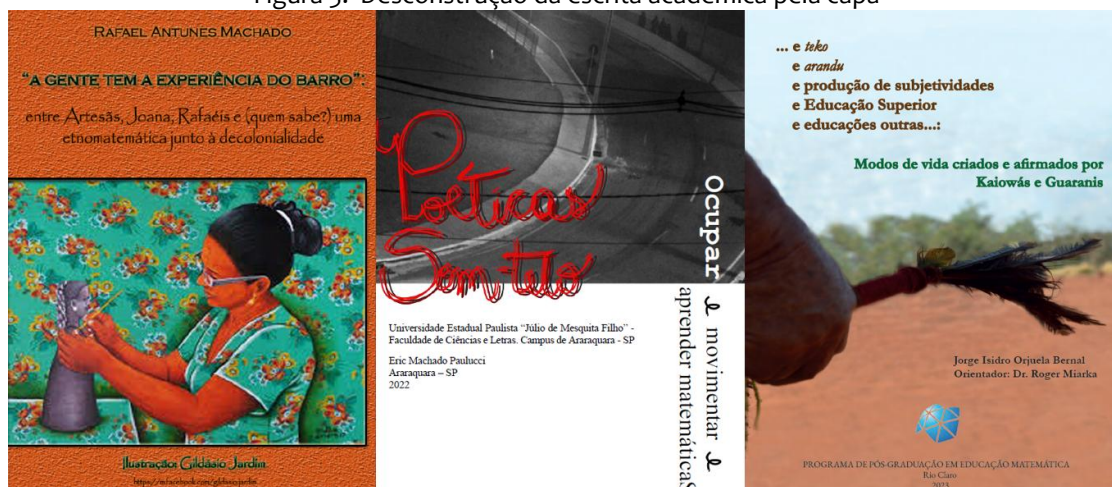
Figura 2: Teses e Dissertações “Outras” selecionadas na pesquisa



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Das 149 produções, apenas 9 pesquisas ousaram dar suas contribuições, para além do reconhecimento científico na forma padronizada da escrita acadêmica, tornando-se escritas “Outras” no universo acadêmico. Como essas produções apresentam suas pesquisas? O que muda da forma tradicional da escrita acadêmica? Qual o porquê da mudança? A desconstrução da escrita acadêmica, nesses trabalhos, muitas vezes, começa pela capa e a apresentação de suas pesquisas ao leitor.

Figura 3: Desconstrução da escrita acadêmica pela capa



Fonte: Machado (2021, p. 1), Paulucci (2022, p. 1) e Orjuela-Bernal (2023, p. 2), respectivamente.

O título da dissertação de Machado (2021), o Rafa, como é chamado em sua pesquisa, já nos revela algumas incertezas, que eclodem em um desejo de revisitar práticas, suas e outras. Seu percurso no mestrado foi atravessado por fagulhas da Modernidade e da Etnomatemática, em busca de refletir como a decolonialidade pode ajudar a compreender a noção de “uma”, com artigo indefinido mesmo, matemática. Rafa deixou sinalizações de caminhos seguidos ou a seguir? Não, em vez de pistas, houve polifonia ecoada por meio do Rafa pelas vozes de seis artesãs do barro. Além dessa polifonia, Rafa buscou espaços para quem lê, espaços a construir, a (re)configurar, a vagar e a habitar. Nesses espaços, a capa não é apenas uma capa, mas a capa que representa as vozes ecoadas por meio de tantos Rafa “S” nas escritas “Outras”.

A dissertação de Paulucci (2022) é um convite a quem quer duvidar do estado das coisas, chamativa desde a capa aos que querem colocar contra a parede os modos de vida programados pela colonialidade. Nesse percurso, desconfiar faz parte, suspeitar das palavras e da própria pesquisa acadêmica também foi uma das preocupações na pesquisa, em tentativas de pensar o que Paulucci (2022) chama de máscaras, que acabam por nos constituir e que penetram a vida acadêmica. Sendo assim, embora dois conceitos costurem sua pesquisa, ocupar e movimentar, o autor optou por não os definir com exatidão, afinal alguém pode, quem sabe, incluir um novo sentido a ser experimentado a esses conceitos. Assim, a pesquisa de Paulucci (2022) não acaba em cada ponto final, abre-se à possibilidade de (re)começo, do meio, de onde o autor julga que pode ser interessante para produzir provisórios resultados.

Orjuela-Bernal (2023) apresenta sua tese deixando pistas, desde a capa, na produção de subjetividades de indígenas, abrindo-se a vivenciar modos outros de estar no mundo. Foi assim, caminhando com a comunidade indígena (auto)reconhecida como Kaiowá e Guarani do Tekoha, porque nesse tipo de escrita o leitor caminha junto, que, no decorrer da tese, encontramos diferentes palavras e/ou conceitos que, como alertado por Orjuela-Bernal (2023), podem nos ser desconhecidos; desse modo, esclarecimentos, notas explicativas e um breve glossário foram necessários para ajudar os leitores com tais termos. No entanto, devemos, enquanto leitores, seguir as afeições e fluxos que se passam nos vínculos estabelecidos nesses vocábulos; para isso, é necessário que o leitor flua junto e se solte na leitura. Essa preocupação em não apenas escrever, mas em pensar a quem se escreve e como

se escreve, tornar-se próximo ao leitor e, ao mesmo tempo, causar-lhe inquietação, interrogações, também é evidenciada nessas escritas “Outras”.

Figura 4: Sumário, resumo, convites, reflexões e alerta de classificação “Outros”



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nas pesquisas selecionadas.

Esses autores não foram elementos neutros em suas pesquisas e, ousamos dizer, nem mesmo seus leitores conseguem ser. Abriam-se, como explicam Rodrigues e Schuler (2021), a outras possibilidades de se comunicar, para além de si, com o outro, como uma abertura ao mundo, aos participantes da pesquisa, aos leitores, afinal não estão falando apenas para a academia. Se o tivessem, a artesanaria dessas imagens jamais faria sentido. Precisaram ultrapassar o senso comum a que estamos acostumados, no meio acadêmico, quanto aos usos da linguagem, e isso os demandou, como apontam Lima, Costa e Novaes (2024), uma atitude de linguagem, que percorre toda a estrutura dessas escritas “Outras”.

Figura 5: Estrutura desconstruída das teses e dissertações

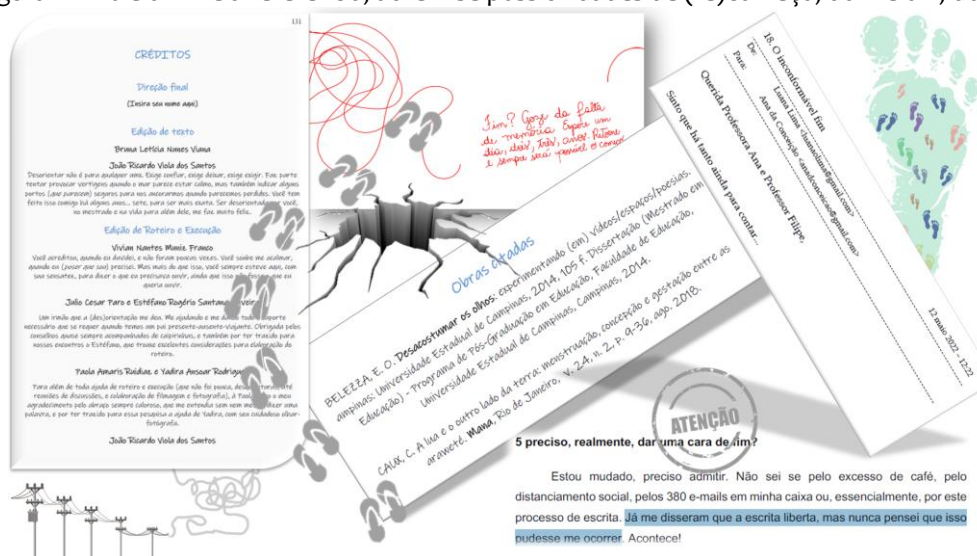


*A Pesquisa Acadêmica: Por uma escrita [que] co[m]vida e liberta para a formação humana*

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nas pesquisas selecionadas.

Essas escritas “Outras” nos apresentam modos outros de escrever um texto acadêmico, são teses e dissertações que causam fissuras na forma padronizada da escrita acadêmica. Escrita e arte podem caminhar juntas? Essas escritas mostram que sim, não apenas por suas capas, sumários e resumos, mas por toda sua estrutura, verdadeiras artesanias, escritas criativas, visivelmente autorais, por meio de novas linguagens, que se preocupam não somente com a escrita, mas a quem realmente interessa suas pesquisas. Nessas pesquisas, o ponto final não marca o fim, mas um (re)começo, em que nem as referências seguem um padrão entre o fim e a referência, apenas possibilidades.

Figura 6: Entre o fim e a referência, abrem-se possibilidades de (re)começo, do meio..., do fim



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nas pesquisas selecionadas.

O que essas pesquisas têm em comum? Essas escritas “Outras” falam de vidas, de sujeitos marginalizados, inferiorizados e subalternizados, ao longo de um processo de colonização. Os autores ousaram uma nova linguagem, um novo vocabulário, com vocábulos no qual puderam, na academia, finalmente, encontrarem-se, serem eles mesmos (Kilomba, 2019). Tornando-se sujeitos de suas escritas, criativas e criadoras, que se preocupam com a condição humana. Nessas escritas, o final é apenas uma porta que se abre a novas possibilidades, causando, talvez, novas fissuras na academia.

Essas teses e dissertações não foram marginalizadas ou derrotadas pelo caminho, ou foram, em parte? Afinal, a escrita, ou melhor, a escrita acadêmica, é uma zona de turbulência, que exige, segundo Motta e Zanella (2025), constantes negociações, inclusive na/com a academia. Essa zona de turbulência se torna mais conflituosa quando colocamos no centro dessa discussão também a decolonialidade, trazendo para o debate nosso lugar de fala e a

prática em relação a esse “outro” pensar. Ao fazermos isso, colocamos, como afirma Walsh (2021, p. 56), questionamentos filosóficos, metodológicos e pedagógicos acerca do que implica “pensar e agir com”. Além disso, nomeamos espaços e lugares epistêmicos, bem como os ancestrais que esses evocam, assumindo uma ética e uma práxis interventiva e crítica sobre a relação estabelecida entre modernidade/colonialidade e as subjetividades e epistemologias que, intencionalmente, essa relação ignorou, deslocou e consequentemente, subalternizou.

Resende (2019b) que o diga vivenciou essa turbulência na pele, teve que relatar seu longo processo de publicação na apresentação de seu livro, que foi apresentado para publicação inicialmente para uma editora universitária, que o rejeitou e o parecer informava que a obra era demasiadamente radical, entendendo que o livro tinha um tom autoritário. A resposta de Resende (2019b) à editora foi um agradecimento, pois, no entendimento da autora, os pareceres emitidos, embora negativos, tranquilizaram-na e mostraram a relevância de sua obra. Resende (2019b) explica que as vozes que ecoam no livro não pretendem calar outras vozes, mas reivindicam, sim, serem ouvidas e consideradas em sua plenitude, justificando que, ao mesmo tempo que criticam o histórico silenciamento nos meios acadêmicos, servem-se de teorias e métodos anteriores. No entanto, ressalta:

[...] já não admitimos que nos questionem a autoria de nossas ideias como se tudo o que podemos dizer não passasse de mera introdução ao pensamento de Fulano ou Beltrano. Ora, não vamos fingir que não acontece. Sentimos que é preciso dizer isso muito claramente. Estes não são tempos para meias palavras; reivindicamos, então, com todas as letras e com as palavras inteiras. Mas isso não significa que pretendamos ser autoritárias: queremos, sim, a autoridade de nossa própria voz (Resende, 2019b, p. 12).

Ter a autoridade de nossa própria voz, de vozes outras, o poder da palavra, é um desafio da contemporaneidade, ser ouvidas/xs/os nunca foi um processo fácil. Quantas vozes não foram marginalizadas e/ou derrotadas neste processo que envolve a escrita? É justamente na origem da escrita de Maria da Conceição Evaristo de Brito (2020), que ela ouve os gritos, os chamados, os vãos das portas e vai colhendo as palavras, que lhe dão consciência, sua fala estilhaça as máscaras do silêncio, sua escrita é marcada por temas ainda marginalizados pela cultura hegemônica.

O cotidiano da favela é contado por diversos autores, mas por que o livro Quarto de Despejo: diário de uma favelada se tornou um *best-seller* traduzido em 13 línguas e reconhecido até os dias atuais? Porque a perspectiva da escrita de Carolina Maria de Jesus é a

de quem vive na favela, seu lugar de fala importa em sua escrita e nos leva à desconstrução de nossas próprias percepções do mundo e do que é viver na favela. A trajetória intelectual e política de Zélia Amador de Deus marca seu lugar de fala, de uma mulher preta da/na Amazônia, que teve que se (re)construir nesse percurso e aprender a ser ela mesma, a se reconhecer em sua pele, em sua cor e em sua escrita.

O que Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e Zélia Amador de Deus têm em comum com as teses e dissertações selecionadas nesta pesquisa? Apresentam o lugar de fala, retratam vidas, a linguagem de grupos subalternos, marginalizados, excluídos, silenciados, por muito tempo, inclusive na academia, grupos esses posicionados quase sempre à margem do discurso hegemônico, esses lugares outros, vozes outras, precisam ser reconhecidos em sua potencialidade. E qual seria o papel da academia? Conceição Evaristo, em uma entrevista realizada por Canofre (2018), responde-nos:

Se a gente pensa a academia como espaço de produção de conhecimento, uma das primeiras atitudes seria ouvir. Que outro conhecimento pode estar chegando aí? Apesar de eu saber pouco, eu gosto muito de pensar no conhecimento indígena. Me lembro de uma estudante, em Belo Horizonte, quando eu fiquei como professora substituta na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que dizia o seguinte: é uma relação de troca, mas ainda é uma relação de troca injusta, porque nos traz aqui pra dentro e nos oferece a possibilidade de aprendermos o saber do branco. **Que dia que eles vão se abrir para aprender e reconhecer os nossos saberes? Não adianta só a academia ter cota para negros. É preciso que a academia aprenda a incorporar os saberes negros.** [...] é preciso que essa academia aprenda a ler autores negros, inclusive aqueles que já são consagrados. [...] A academia tem que descer do pedestal e ter essa habilidade de lidar com textos novos (Canofre, 2018).

O que sinaliza um alerta sobre esse espaço de produção de conhecimento, a academia, pode também ser um espaço de colonialidade do saber? Então, compartilhamos os questionamentos de Walsh (2023): até quando podemos resistir? Como podemos, digamos, interromper ou mesmo causar fissuras nesse sistema de violência direcionada? Walsh (2023) fala de violência direcionada se referindo, em particular, à violência epistêmica, política, social e corporal da universidade, inclusive em alguns casos, à violência linguística, que busca proibir a linguagem inclusiva, a linguagem “outra”. Resistir...? Sem ao menos poder construir outras possibilidades de conhecimento, pensamento, vida e existência, de reexistência<sup>1</sup>.

Então, como podemos romper essa barreira não apenas, mas também, no meio acadêmico? Abrindo rachaduras e causando fissuras no estatuto e cânone eurocêntrico, que ainda pode permear nesse meio, considerado por Walsh (2023), masculinizado e profundamente autoritário e heteropatriarcal da ciência e do conhecimento, nas desumanizações e desumanidades acadêmicas. Buscando possibilidades outras de escritas

que ecoem esses conhecimentos, pensamentos, vidas, existências e reexistências, que não falam a voz da academia e/ou cuja fala nos moldes acadêmicos podem não os representar.

**(Eu) Penso, logo existo? Mas, quando escrevo, pode a subalterna falar?**

O título desta seção possui um caráter para além de provocativo, reflexivo. A formulação do “penso, logo existo” do Discurso do Método de Descartes é a pedra angular do eurocentrismo e do cientificismo, a ideologia que impregna a tradição do conhecimento universal, sem determinações corporais e geopolíticas, de validade universal. O (Eu) por trás do Discurso de Descartes, concordamos com Bernardino-Costa (2018), não há dúvida, refere-se ao homem europeu e marca a divisão entre os autointitulados “capazes” de produzir conhecimento válido e universal e aqueles “incapazes” de produzi-lo. É o discurso que marca a diferença colonial entre os (Eus) capazes e incapazes de produzir juízos científicos, criando estruturas de poder que excluíram e silenciaram (Eus).

Ressaltamos que o termo subalterna é inspirado na obra de Gayatri C. Spivak, intitulada: *Can the Subaltern Speak?* Em inglês o termo *subaltern* não possui gênero, no entanto, mesmo Spivak sendo uma teórica, mulher, filósofa, crítica de gênero, que tem revolucionado os movimentos feministas, por meio de sua escrita, ao ser traduzida para nossa língua, sua obra ficou conhecida como: *Pode o subalterno falar?* Concordamos com Kilomba (2019), a redução do termo ao masculino é duplamente problemática, por isso, assim como a autora, optamos também pela grafia do termo em feminino.

Neste momento da pesquisa, sentimos a necessidade de nos apresentar. Na pesquisa convencional, isso geralmente é feito na parte introdutória. Mas, nesta perspectiva de escrita, não há um roteiro a seguir, mas um momento a habitar, nosso momento é aqui, ao apresentar o relato de uma pesquisa de doutorado em andamento. A primeira autora deste artigo é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas (PPGECM), do Instituto de Educação Matemática e Científica (IEMCI), da Universidade Federal do Pará (UFPA), ingressou no Programa em março de 2024, a segunda autora é sua orientadora; juntas caminhamos neste percurso acadêmico em uma escrita “Outra”, na Educação Matemática. Optamos, a partir de agora, por usar também a primeira pessoa do singular, que representa a voz da primeira autora, a doutoranda.

Apresento meu lugar de fala, neste artigo e na tese de doutorado, é o de uma pesquisadora Negra, com N maiúsculo mesmo, que evidencia a libertação da mulher de cor

de si mesma, em referência a Frantz Fanon. Então, como falar de relações étnico-raciais na Educação Matemática sendo a “Outra” e não “Eu”, sendo “objeto” e não “sujeita”, sendo elemento “neutro” e não “parte” da pesquisa? Posso mostrar minhas narrativas à academia? Minha voz será ouvida? Mas, quando escrevo, pode a subalterna falar?

Se tem algo que a experiência negra me ensinou, é que querer não é poder, por isso resistimos e reexistimos. Assim como Resende (2019b), vivenciei a turbulência das rejeições, de revistas acadêmicas, na pele. Quando tentamos fazer uma escrita “Outra” e a submetemos à avaliação, enraizada, historicamente, em metodologias euro-centradas, temos o resultado:

Figura 7: Vozes ecoando dos pareceres das revistas acadêmicas



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos pareceres emitidos pelas revistas acadêmicas.

As vozes que ecoam na imagem são de pareceres de quatro revistas acadêmicas brasileiras. Os artigos submetidos foram recortes da pesquisa de doutorado que estamos a desenvolver, em uma perspectiva de escrita “Outra”. Escrever nessa perspectiva causa insegurança, principalmente pela validação de nossas vozes pela academia, mas concordamos com o que foi pontuado por Conceição Evaristo, não adianta a universidade ter apenas cotas, é preciso que aprenda a incorporar nossos saberes, não apenas abrir as portas, mas abrir-se para aprender e reconhecer esses novos saberes, novos olhares, novas falas, vivências e experiências, experiências negras, como é o caso da tese em andamento. Mas, para isso, é preciso que a academia desça do pedestal, como chamou Conceição Evaristo, seja capaz de também causar fissuras no estatuto e cânone euro-cêntrico, como nos falou Catherine Walsh, que permeia seu próprio meio, abrindo-se e tendo a capacidade de lidar com novos textos, escritas “Outras”.

O que seria entrelaçar os argumentos de forma adequada, nos pareceres dos avaliadores? Seria a forma de escrita acadêmica padronizada? As escritas “Outras” não

seguem o modo padronizado, como estamos acostumados. Palucci (2022) não encerra sua escrita, cada ponto final é uma abertura a novos (re)começos, do meio, do início, do fim? Não importa. E os resultados? Machado (2021) não tem, mas, se perguntas constarem como resultados, as páginas de sua dissertação estão repletas de descobertas.

No mestrado, minha escrita era assim, padronizada, colecionei aceites de revistas acadêmicas, foram tantas que precisei fazer uma lista de publicações. No doutorado, o ideal de pesquisa teoricamente e metodologicamente intocável e inabalável, do qual (Eu) não fazia parte e era um mero elemento neutro, apresentou fissuras. Não estamos aqui a condenar o modo tradicional de pesquisa, mas a abrir possibilidades para modos outros. O tema da pesquisa não mudou, continua sendo as relações étnico-raciais e a Educação Matemática. Então o que mudou? Deixei de ser um elemento neutro na pesquisa.

Então, propomos, na tese de doutorado em andamento, uma conversação, proposta por Haber (2011), por meio do que denominamos de étnico-conversações, em deslocamentos autoetnográficos ao bom-tom *negratizado*, entre as relações étnico-raciais, a Educação Matemática, Eus e Outros Eus. Essa escrita não segue o padrão que estamos acostumados a ver na acadêmica, a capa, não é apenas uma capa, ecoa vozes, o sumário é escrito na cor da pele..., negra.

Cada capítulo é aberto por uma janela e uma imagem. A primeira conversação não poderia ser uma introdução, é uma conversação com nossas/xs/os leitoras/xs/es, que precisam saber o porquê das escolhas, antes mesmo de adentrar a leitura. A primeira impressão dessas escritas “Outras” impacta, inquieta, afinal estamos criando e (des)construindo espaços, a (re)configurar e a habitar, como defende Machado (2021). Nesses espaços ecoam vozes, silêncios, emoções, sofrimentos e problematizações, que não fomos ensinadas/xs/os a ouvir, sentir e ler, por isso é necessário que cada leitor/a/x, avaliador/a/x, a banca, flua junto, solte-se na leitura e se permita habitar e transcender as vozes que ecoam de uma forma que não aprendemos a ver na academia.

A tese é dividida em étnico-conversações, a ordem não altera a leitura. Em uma delas, os leitores se encontram com os *Eus em mim*. Esse foi um encontro comigo mesma, estabelecendo relações com a temática de pesquisa, em um *rememorar*<sup>ii</sup> que grita o que a consciência cala e a memória oculta. Em busca do meu... Eu menina, Eu estudante, Eu acadêmica e o Eu mais difícil de me encontrar, Eu negra. Esses encontros me fizeram perceber

que ainda tão jovem comecei a fazer, direitinho, minhas primeiras lições “domesticadas” de casa da classe dominante.

Caminham comigo nessa descoberta Lélia González, Zélia Amador de Deus, Nilma Lino Gomes, a cantora Bia Ferreira e a rapper Negra Jaque, o que elas têm em comum? São mulheres negras brasileiras que ecoam vozes, clamam direitos, tornam visível o que, por vezes, é invisível pela academia. Essas mulheres negras, assim como outras, que estão a caminhar juntas, mostram-nos que o racismo ainda sobrevive nas entrelinhas da colonialidade. Nas feridas não tratadas do colonialismo, como aponta Kilomba (2019), que ainda doem, ferem e continuamos sentindo os efeitos da *cor na pele*.

Mas como escrever, colocar no papel todas essas emoções, vivências, experiências negras? A forma como são conduzidas as étnico-conversações é inspirada pelas leituras de Conceição Evaristo. Esse escrever demandou um dinamismo próprio, o empoderamento da escrita, nessa perspectiva, não se trata apenas de ler, mas habitar, ver-se e escrever os problemas mundanos de nossa temática de pesquisa, constituindo-se em seu interior. Quando esse empreendedorismo vem de mulheres negras, o escrever adquire, como pontua Evaristo (2020), um sentido de insubordinação.

Assim, com o empoderamento da escrita e inspiradas em mulheres negras, apresentamos na tese de doutorado, uma étnico-conversação insubordinada, ousada para os moldes acadêmicos, o estado da arte indisciplinado, para AFROreSER uma Educação Matemática “Outra”. A escrita neste estado da arte indisciplinado não poderia ser padronizada, escrevemos em um ato de *insu(Agir)*, em busca de AFROreSER sobre as perdas contínuas causadas pelo colonialismo e que, ainda, sobrevivem nas entrelinhas da colonialidade. AFROreSER, nessa perspectiva, representa o percurso, chamado na tese de *negaSlção, culpaSlção, aceitaSlção e reconheSlmento*, que tive que trilhar, para libertar a mulher Negra de mim mesma.

Nesse percurso, aceitei o desafio de Kilomba (2019) e ousei criar uma nova linguagem, uma linguagem da qual nós possamos todas/xs/os fazer parte e nos conceber na condição humana. Isso faz com que o foco no estado da arte indisciplinado não seja os resultados, mas “os detalhes”, ocultos, camuflados, silenciados, que estão por trás dos resultados. Por que tanta atenção aos detalhes? Porque o racismo está nos detalhes, em uma sociedade que ainda cega, cala e oculta.

Para isso, foi necessário tirar a máscara branca de silenciamento negro e ter/dar o poder da fala, em fragmentos *negratizados*. No entanto, entre a busca e os resultados, foi necessário refletir sobre a história contada e montar a roda *negratizada* na Educação Matemática. Essa roda foi mediada por (Elas) mulheres negras, autoras das teses e dissertações selecionadas, que apresentaram seu lugar de fala, refletindo sobre a dificuldade de ocuparem espaços, historicamente, não pertencentes a (Elas), a academia.

Outro debate necessário foi a Educação Matemática e a formação de professores que ainda se fazem inaudíveis. Evidenciando os racismos vividos e experienciados, na pele, por autores das teses e dissertações selecionadas, na escola e no curso de licenciatura em matemática. Além disso, continuamos a denunciar o que é mais triste: 137 anos se passaram desde a Abolição da Escravatura, que marca o “fim” da escravidão no Brasil e não precisa buscar muito para ver que o racismo ainda sobrevive, na sociedade, na academia, na escola, camuflado nas entrelinhas dos direitos iguais, da escolha da boa aparência, das igualdades com catracas de segregação... Ele (o racismo) está lá sentido, vivido por negras/xs/os, na *cor da pele*. É necessário refletir sobre os efeitos da cor; então, mostramos a face (sutil) das relações étnico-raciais na academia e na Educação Matemática, constatando o quanto a população negra, principalmente as mulheres negras, está ausente em um espaço que, justamente, julga-se de disputa de ideias (novas) e conhecimentos, a academia.

O estado da arte indisciplinado somente foi possível porque o foco não foram os resultados, mas os detalhes, isso nos deu a liberdade de navegar pelos textos, pelas falas, e simplesmente ouvir, sentir, estabelecer relações, questionar quando preciso, mas, principalmente, dialogar com detalhes que passariam despercebidos, em uma pesquisa convencional. As vozes que ecoam no estado da arte indisciplinado tecem fios por uma educação antirracista, inclusive na Educação Matemática, pois entendemos que essa é uma luta que não se faz de um único fio.

### **Considerações sem ponto final**

O trabalho acadêmico desenvolvido em teses e dissertações é um trabalho com palavras; e não estamos em tempos de meias palavras, mas de palavras inteiras. A *pele da escrita acadêmica*, que é o marcar na pele..., a pele da escrita, para fazer, tornar-se visível, o que, por vezes, torna-se invisível pela academia, em um trazer novamente à presença. Não é algo novo a se pensar, mas é algo novo a se dizer, a se escrever, a se ousar fazer, não apenas,

mas também, na academia. Ousadia acadêmica que parte de escritas “Outras”, que também querem ser ouvidas e validadas.

Essas escritas “Outras” apresentadas nesta pesquisa e o relato da pesquisa de doutorado em andamento refletem a escrita acadêmica não como uma simples tarefa de escrever, reproduzir, mas como um desafio do pesquisador de caminhar para além das bordas padronizadas, naturalizadas na academia. Nestas reflexões, compartilhamos a preocupação com os dispositivos de controle da linguagem na pesquisa acadêmica, que podem marginalizar e derrotar vozes que ecoam de grupos subalternizados, marginalizados e excluídos, ao tentar retratar sua linguagem, em posicionamentos quase sempre à margem do discurso hegemônico, provocando o padecimento da escrita.

Ressaltamos, mais uma vez, que não estamos a condenar o modo tradicional de fazer pesquisa, mas a refletir a aceitabilidade de modos outros de escrever um texto acadêmico. Tencionamos abrir caminhos em um movimento de *insu(Agir)* escritas “Outras” e conversar sobre a possibilidade de uma virada epistemológica, que busque romper ou, ao menos, causar fissuras nesses padrões euro-centrados que ainda permeiam a academia, inclusive a Educação Matemática.

Dessa forma, vamos nessas rachaduras e fissuras semeando, não apenas, mas também, na universidade e na Educação Matemática, outras formas de conhecer e pensar, em entrelaçamentos reflexivos e (auto)reflexivos, em escritas “Outras” de conhecimentos, saberes, vivências e experiências outras. Aqui a capa não é apenas uma capa, mas ecoa vozes, o sumário é escrito na cor da pele, abrindo-se espaços para quem lê (o leitor), espaços a construir, novas escritas, novos leitores, novas emoções, novas linguagens e sentimentos que não fomos ensinados a ver, a ler e a sentir na escrita acadêmica.

Espaços a (re)configurar a própria forma de escrever, a refletir a quem realmente interessa nossas pesquisas, a vagar e a habitar, em que o leitor flua junto, solta-se e habita na leitura. Sendo assim, este texto não acaba neste ponto final, mas abre a possibilidade de (re)começo, do fim, do meio, da escrita, de onde julgamos que pode ser interessante produzir (novas) escritas “Outras”.

### **Referências**

BERNARDINO-COSTA, Joaze. Decolonialidade, Atlântico Negro e intelectuais negros brasileiros: em busca de um diálogo horizontal. **Sociedade e Estado**, Brasília, DF, v. 33, p. 117-135, 2018.

BORSANI, María Eugenia. Reconstruções metodológicas e/ou metodologias a posteriori. **Revista Epistemologias do Sul**, [S. l.], v. 5, n. 1, 2021

CANOFRE, F. Conceição Evaristo: “Falar sobre preconceito no Brasil é derrubar o mito de democracia racial”. **SUL21**, [S. l.], maio 2018. Seção Areazero. Disponível em: <https://sul21.com.br/ultimas-noticias-geral-areazero-2/2018/05/conceicao-evaristo-falar-sobre-preconceito-racial-no-brasil-e-derrubar-o-mito-de-democracia-racial/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 48-57.

FERNANDES DE PAULA, Danytiele Cristina. A questão da identidade na escrita acadêmica. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 21, n. 43, p. 86-104, 2017.

HABER, Alejandro. Nometodología payanesa: Notas de metodología indisciplinada. **Revista de Antropología**, Santiago, n. 23, p. 9-49, 2011.

JÚNIOR, Tito Matias-Ferreira. “A gente combinamos de não morrer”: enfrentamento, resistência e renegociação na escrita de Conceição Evaristo. **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, Belo Horizonte, v. 31, n. 1, p. 233-247, 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. In: CALLAI, Cristiana, RIBETTO, Anelice (org.). **Uma outra escrita acadêmica: ensaios, experiências e invenções**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016. p. 17-30.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução de Cristina Antunes e João W. GERALDI. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LIMA, Valdineia Rodrigues; COSTA, Tayara Silva; NOVAES, Joana Inês. Etnografia no processo de des(construção) por uma Educação Matemática (Outra). **Educação Matemática Debate**, Montes Claros, v. 8, n. 14, p. 1-15, 2024.

MACHADO, Rafael Antunes. **“A gente tem a experiência do barro”**: entre Artesãs, Joana, Rafaéis e (quem sabe?) uma etnomatemática junto à decolonialidade. 2021. 124f. Dissertação (Mestrado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la decolonialidade del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GOMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (org.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**.

Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos; Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar, 2007. p. 127-167.

MOTTA, Clara Urzedo Rocha; ZANELLA, Andrea Vieira. No limiar da escrita acadêmica: tensão, pressão e invenção. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 63, n. 75, p. 1-25, 2025.

ORJUELA-BERNAL, Jorge Isidro. ... **E Teko e Arandu e produção de subjetividades e educação superior e educações outras...**: modos de vida criados e afirmados por Kaiowás e Guaranis. 2023. 300f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2023.

PAULUCCI, Eric Machado. **Poéticas Sem-Teto**: Ocupar e movimentar e aprender matemáticas. 2022. 149f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2022.

RESENDE, Viviane de Melo. Perspectiva latino-americana para decolonizar os estudos críticos do discurso. In: RESENDE, Viviane de Melo (org.). **Decolonizar os estudos críticos do discurso**. São Paulo: Pontes, 2019a. p. 19-46.

RESENDE, Viviane de Melo. **Decolonizar os estudos críticos do discurso**. São Paulo: Pontes, 2019b.

RODRIGUES, Elisandro; SCHULER, Betina. A Pele da Escrita Acadêmica em Educação: o exercício epistolar como uma conversação. **Currículo sem Fronteiras**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 653-678, 2021.

WALSH, Catherine. “Outros” saberes, “outras” críticas: reflexões sobre as políticas e as práticas de filosofia e decolonialidade na “outra” América. **Revista X**, Curitiba, v. 16, n. 1, p. 54-79, 2021.

## Nota

---

<sup>i</sup> O termo é empregado por Adolfo Albán Achinte como marcador de luta não apenas de povos que resistiram, mas resistem, às diversas faces de opressão.

<sup>ii</sup> O termo remete a um retornar às memórias, por vezes ocultas, silenciadas ou esquecidas, em busca de relações, por isso não se trata apenas de um resgate, mas de um retorno (auto)reflexivo, que inquieta, indaga e me coloca em um encontro comigo mesma, com minha temática de pesquisa e os problemas mundanos que a envolve.

## Sobre os autores

### Valdineia Rodrigues Lima

Doutoranda em Educação em Ciências e Matemáticas pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas (PPGECM), da Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Participante do Grupo de Pesquisa em Educação e Decolonialidades na/da Amazônia.

E-mail: valdineia@unifesspa.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8605-1348>

**Ana Clédina Rodrigues Gomes**

Doutora em Educação Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, com pós-doutoramento pela Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará (UFPA), docente do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas (PPGECM) da UFPA. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Educação e Decolonialidades na/da Amazônia.

E-mail: [ana.cledina@ufpa.br](mailto:ana.cledina@ufpa.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7152-4237>

Recebido em: 05/11/2025

Aceito para publicação em: 26/11/2025